



DACEC

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUI**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 07/02/2014 a 13/02/2014

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Prof. Ms. Emerson Juliano Lucca²
Guilherme Gadonski de Lima³

¹ Professor do DACEC/UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Professor, Economista, Mestre em Desenvolvimento, Analista e responsável técnico pelo Laboratório de Economia Aplicada e CEEMA vinculado ao DACEC/UNIJUI.

³ Estudante do Curso de Economia da UNIJUI – Bolsista PET-Economia.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

Produto Data	GRÃO DE SOJA (US\$/bushel)	FARELO DE SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO DE SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
07/02/2014	13,31	446,40	38,56	5,77	4,44
10/02/2014	13,25	444,00	38,73	5,84	4,43
11/02/2014	13,34	449,20	38,85	5,90	4,41
12/02/2014	13,23	443,50	38,99	5,87	4,40
13/02/2014	13,44	452,80	39,54	5,95	4,40
Média	13,31	447,18	38,93	5,87	4,42

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

Médias semanais* (compra e venda) no mercado de lotes brasileiro - em praças selecionadas (em R\$/Saco)

SOJA		Var. % relação média anterior
RS - Passo Fundo	69,10	2,52
RS - Santa Rosa	68,20	2,40
RS - Ijuí	68,95	2,38
PR - Cascavel	64,90	4,01
MT - Rondonópolis	59,40	2,41
MS - Ponta Porá	59,30	0,00
GO - Rio Verde (CIF)	61,50	1,82
BA - Barreiras (CIF)	61,80	0,00
Argentina (FOB)**	200,40	7,74
Paraguai (FOB)**	140,00	-12,50
Paraguai (CIF)**	172,00	0,88
RS - Erechim	26,00	-0,76
SC - Chapecó	25,75	0,78
PR - Cascavel	23,80	3,48
PR - Maringá	24,75	3,99
MT - Rondonópolis	20,55	3,27
MS - Dourados	20,98	2,44
SP - Mogiana	26,90	8,47
SP - Campinas (CIF)	30,15	7,76
GO - Goiânia	24,35	-0,61
MG - Uberlândia	25,75	6,19
RS - Carazinho	574,00	0,70
RS - Santa Rosa	576,00	-0,69
PR - Maringá	809,00	-0,61
PR - Cascavel	792,00	-1,49

*Período entre 07/02 e 13/02/14

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras & Mercado. Preços em reais/saco. ** Preço médio em US\$/tonelada. *** Em reais por tonelada

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 13/02/2014

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	23,49	62,84	32,00

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER-RS.

Preços de outros produtos no RS

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	35,52
Feijão (saco 60 Kg)	138,00
Sorgo (saco 60 Kg)	20,23
Suíno tipo carne (Kg vivo)	3,08
Leite (litro) cota- consumo (valor bruto)	0,86
Boi gordo (Kg vivo)*	3,93

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER-RS.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja em Chicago, após se estabilizarem nesta segunda semana de fevereiro, subiram forte no dia 13/02, embora o relatório do USDA, divulgado no dia 10/02 tenha sido, mais uma vez, com viés baixista. Na prática, a forte estiagem que atinge grande parte das lavouras brasileiras e parte das argentinas tem sustentado momentaneamente Chicago (as chuvas ocorridas na quarta e quinta-feira no Rio Grande do Sul, embora positivas, não foram gerais e os volumes, em muitas localidades, ainda não teriam sido suficientes). Com isso, o fechamento desta quinta-feira (13) ficou em US\$ 13,44/bushel, após US\$ 13,25 uma semana antes (maio/14 fechou em US\$ 13,30/bushel).

Sobre o relatório de oferta e demanda do USDA, o mesmo trouxe os seguintes dados:

- 1) confirmação de uma produtividade média nos EUA de apenas 2.911 quilos/hectare;
- 2) confirmação de uma produção final de 89,5 milhões de toneladas, superando em 8,4% o colhido no ano 2012/13;
- 3) manutenção de um volume de 4,08 milhões de toneladas para os estoques finais dos EUA em 2013/14 (o mercado esperava uma redução nesse volume);
- 4) preços médios aos produtores estadunidenses, no corrente ano comercial, variando entre US\$ 11,95 e US\$ 13,45/bushel, contra a média de US\$ 14,40 no ano anterior;
- 5) a produção mundial foi elevada para 287,7 milhões de toneladas, superando em 19,4 milhões de toneladas a realizada no ano anterior;
- 6) os estoques finais mundiais foram aumentados para 73 milhões de toneladas, contra 58,6 milhões um ano antes;
- 7) a produção do Brasil está projetada em 90 milhões de toneladas e a da Argentina em 54 milhões;
- 8) as importações da China permaneceram em 69 milhões de toneladas em 2013/14, após 59,9 milhões um ano antes.

Dito isso, existem pelo menos três fatos que podem manter as cotações nos atuais níveis e até elevá-las um pouco mais. O primeiro deles está na real perda que a safra sul-americana terá com a estiagem de janeiro/fevereiro. Embora o retorno das chuvas na Argentina desde a semana passada e no sul do Brasil nesta semana, o certo é que há quebra de safra. Por enquanto, os setores públicos nada contabilizam, porém, o setor privado já está indicando perdas de pelo menos 5 milhões de toneladas na América do Sul (cf. Oil World). Mas as perdas podem ser maiores. No interior gaúcho, por exemplo, há regiões com perdas de até 60% nas lavouras de soja. Na Argentina, embora oficialmente ainda se fale de 57 milhões de toneladas, o mercado já aposta em 54 milhões como produção final. Em segundo lugar, a demanda pela soja dos EUA continua forte, agora estimulada pela possibilidade de problemas na oferta sul-americana. Enfim, e nessa linha anterior, o mercado estaria apostando que as exportações e o esmagamento de soja estadunidense venham a ser maiores do que o estipulado até agora pelo USDA. Nesse sentido, entre 1º de setembro/13 (início do atual ano comercial) e 7 de fevereiro/14 as inspeções de exportação de soja, por parte

dos EUA, subiram 17% sobre igual período do ano anterior, somando 33,09 milhões de toneladas.

Para temperar esses fatores altistas, tem-se o fato de que, se a quebra sul-americana ficar em apenas 5 milhões de toneladas, mesmo assim a produção local será recorde e pressionará para baixo as cotações no forte da colheita (março a maio). A colheita no Brasil já começou e, por enquanto, os números são positivos. Não se pode esquecer que, no final de março sai a intenção de plantio dos EUA e existe uma forte tendência de aumento importante na área de soja naquele país. Enfim, embora a demanda chinesa continue firme, com janeiro acusando um volume de 5,9 milhões de toneladas ou 25% sobre o mesmo mês de 2013, a freada em seu crescimento econômico pode gerar problemas no transcorrer do ano.

No geral, a possibilidade de Chicago trabalhar com cotações entre US\$ 12,00 e US\$ 13,00/bushel neste ano é bastante plausível, ficando abaixo, portanto, da média de 2013, a qual alcançou US\$ 14,05/bushel para o primeiro mês cotado.

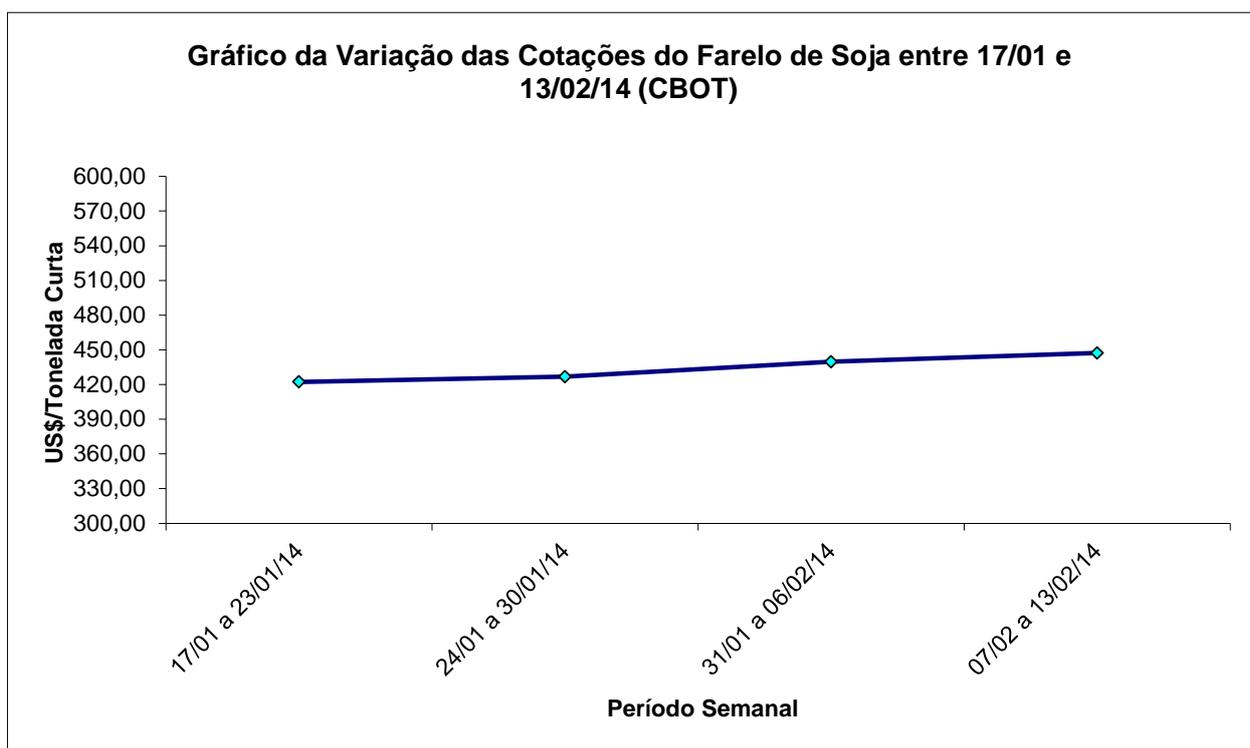
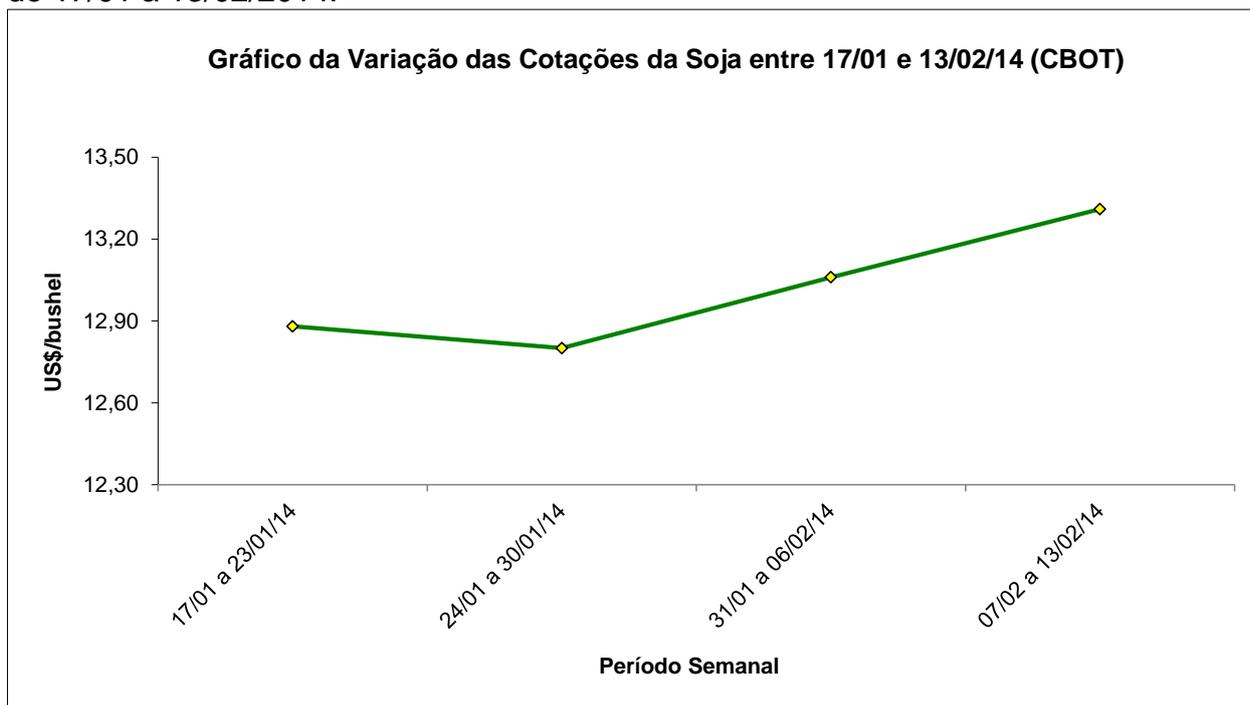
A semana terminou com o prêmio nos diferentes portos brasileiros, para fevereiro, variando entre 36 centavos de dólar por bushel a menos 16 centavos. No Golfo do México (EUA) os mesmos oscilaram entre 80 e 85 centavos de dólar, enquanto em Rosário (Argentina) entre 16 e menos 11 centavos.

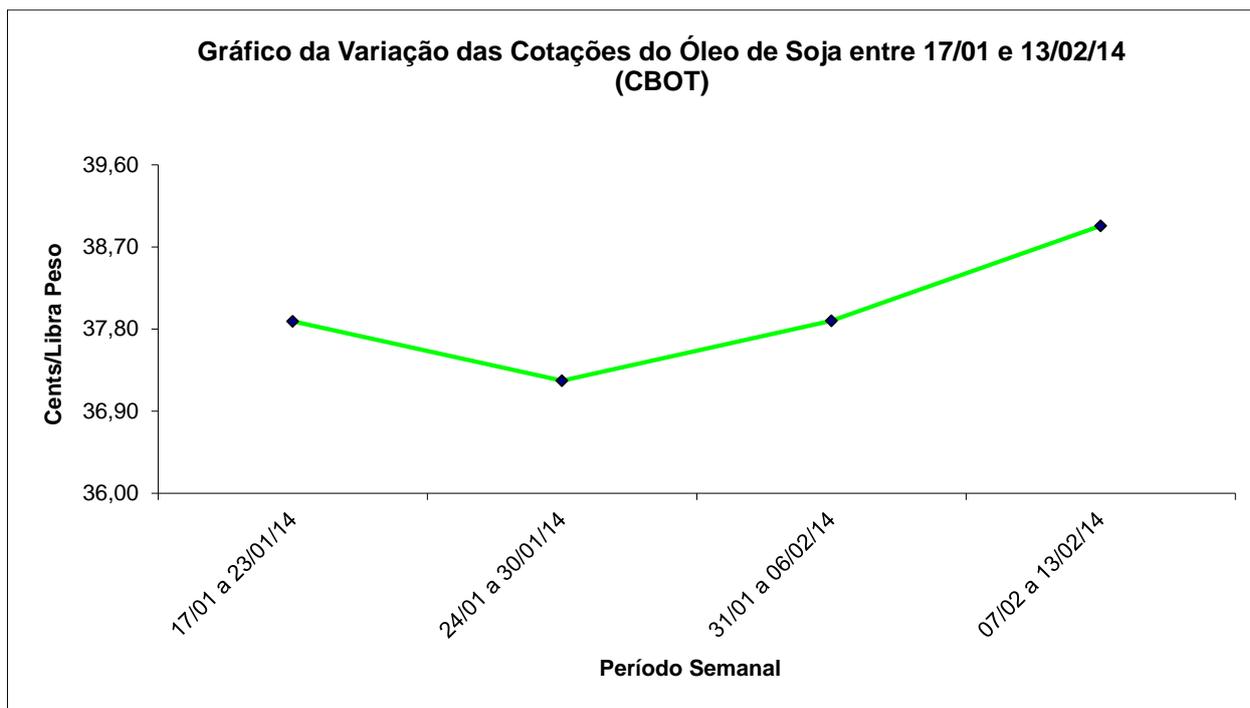
No Brasil, o câmbio continuou sustentando os preços (no dia 13/02 o mercado trabalhava com o dólar valendo R\$ 2,41), além da estiagem (os efeitos do retorno da chuva, pelo sul, deverão aparecer na próxima semana). Assim, a média gaúcha no balcão ficou em R\$ 62,84/saco, enquanto os lotes oscilaram entre R\$ 67,50 e R\$ 68,00/saco. Nas demais praças nacionais os lotes ficaram entre R\$ 53,00/saco em Sinop (MT) e R\$ 66,00/saco no norte do Paraná. (cf. Safras & Mercado)

Na projeção para o balcão gaúcho, no momento da colheita (abril), por enquanto o valor do saco de soja continua oscilando entre R\$ 50,00 e R\$ 55,00. Todavia, os efeitos da estiagem que estaria terminando agora, mas que durou mais de um mês, além dos problemas ocorridos em dezembro passado, podem modificar esse quadro num futuro não muito distante.

Enfim, na BM&F o contrato março fechou em US\$ 29,22/saco, enquanto maio ficou em US\$ 27,80/saco.

Abaixo seguem os gráficos da variação de preços da soja e seus derivados no período de 17/01 a 13/02/2014.





MERCADO DO MILHO

As cotações do milho se mantiveram estáveis nesta semana, com o fechamento em Chicago, neste dia 13/02, ficando em US\$ 4,40/bushel.

O relatório do USDA, anunciado no dia 10/02, não trouxe grandes novidades. A produtividade média obtida pelos produtores estadunidenses, na colheita 2013/14, permaneceu em 9.970 quilos/hectare, enquanto a produção final dos EUA foi mantida em 353,8 milhões de toneladas, após 273,9 milhões um ano antes. Os estoques finais dos EUA foram reduzidos para 37,6 milhões de toneladas, porém, ainda assim bem superiores aos 20,9 milhões do ano anterior. Com isso, o preço médio a ser recebido pelos produtores locais, neste ano comercial, está estimado entre US\$ 4,20 e US\$ 4,80/bushel, após a média de US\$ 6,89 obtida no ano anterior.

Em termos mundiais, o relatório indicou que a produção global será de 966,6 milhões de toneladas em 2013/14, contra 862,8 milhões um ano antes. Já os estoques finais mundiais ficam em 157,3 milhões de toneladas, após 134 milhões no ano anterior. A produção total do Brasil foi mantida em 70 milhões de toneladas, enquanto a da Argentina foi reduzida para 24 milhões. O Brasil deverá exportar 20 milhões de toneladas e a Argentina 16 milhões.

Afora isso, a semana registrou que as exportações semanais por parte dos EUA ficaram em 695.200 toneladas, volume considerado bom embora abaixo do registrado na semana anterior.

Por enquanto, o mercado externo não precificou as quebras de safra no Brasil e na Argentina, preferindo se concentrar no bom retorno das mesmas no vizinho país e ignorar a forte estiagem brasileira sobre a safra de verão. Nesse contexto, apenas o

Mato Grosso apresenta ainda uma situação favorável (até o dia 10/02 cerca de 16% da área de safrinha havia sido semeada). Nos demais Estados, até mesmo o plantio da safrinha já se encontra atrasado, quando não totalmente paralisado.

A tonelada FOB na Argentina e no Paraguai fechou a semana em US\$ 202,00 e US\$ 140,00 respectivamente.

Na prática, a quebra na safra de verão já é uma realidade no Brasil. Falta agora definir o volume total das perdas.

Nesse contexto, os produtores colhem o que podem e vendem o mínimo possível na expectativa de preços em elevação logo adiante, o que é bem plausível. As chuvas que retornaram ao Rio Grande do Sul e Santa Catarina no final da quarta-feira (12) pouco ajudam ao milho de verão, servindo apenas para o pouco de safrinha que ali se planta. Nos demais Estados, espera-se que tais chuvas ocorram neste final de semana. Por enquanto, o volume de chuvas não é suficiente para as necessidades gerais dos produtores, embora haja muita diferença de região para região. No mercado em geral, a preocupação é com o clima de outono, pois em grande parte do país a safrinha já inicia comprometida pela estiagem.

Ainda quanto à safra de verão, a quebra em São Paulo estaria em 60% enquanto no Rio Grande do Sul levantamentos privados dão conta de uma produção final de 4,9 milhões de toneladas, contra 5,3 a 5,5 milhões projetadas inicialmente. Mas a quebra gaúcha pode ser maior, chegando entre 15% a 20%, fato que deixaria a produção final entre 4,4 e 4,7 milhões de toneladas.

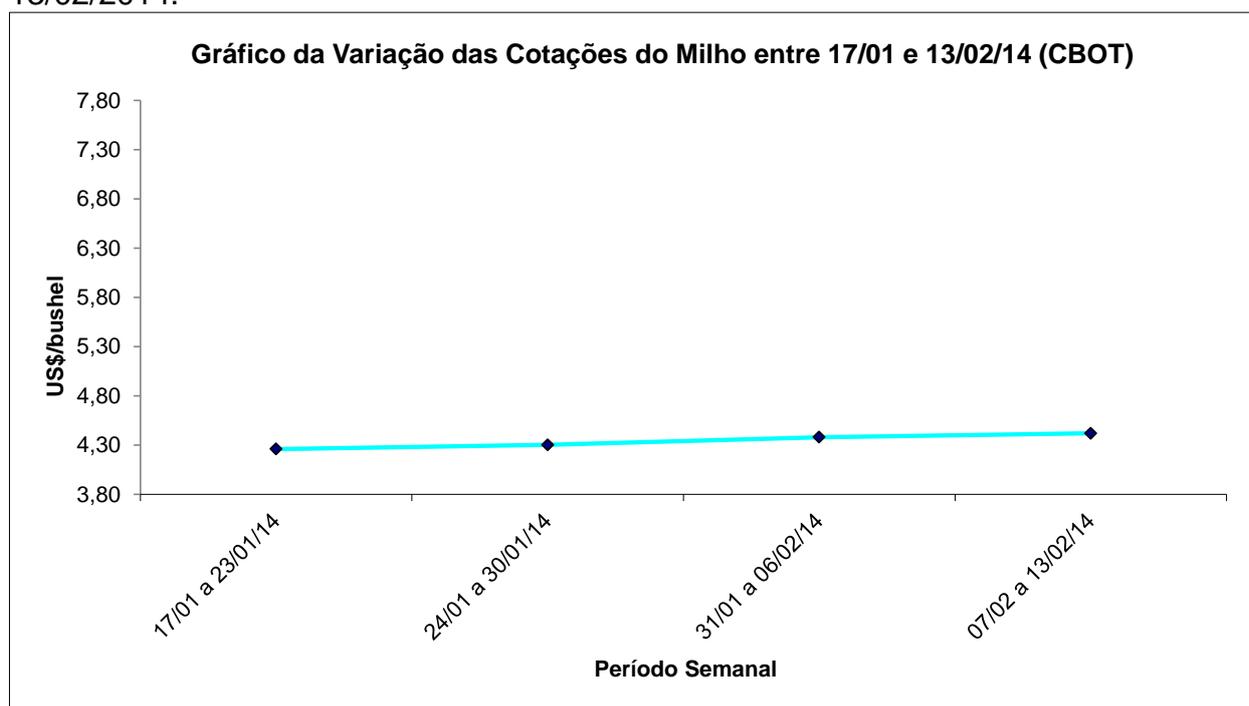
Assim, no porto de Santos o mês de março se mantém firme, muito próximo de ultrapassar os R\$ 30,00/saco, enquanto setembro ainda não tem prêmio de risco de clima, podendo acompanhar março na alta. (cf. Safras & Mercado)

No final desta segunda semana de fevereiro, o balcão gaúcho fechou a R\$ 23,49/saco, enquanto os lotes ficaram entre R\$ 25,00 e R\$ 25,50/saco. Nas demais praças nacionais os lotes oscilaram entre R\$ 16,00/saco no nortão do Mato Grosso e R\$ 26,00/saco na região de Videira (SC).

No geral, o cenário nacional para os preços do milho neste ano é de alta a partir dos problemas climáticos deste verão e de uma demanda que não deverá recuar.

Enfim, a semana terminou com a importação no CIF indústrias brasileiras valendo R\$ 38,93/saco para o produto dos EUA e R\$ 36,71/saco para o produto argentino, ambos para fevereiro. Já para março, o produto argentino ficou em R\$ 38,16/saco. Na exportação, o transferido via Paranaguá registrou os seguintes valores: R\$ 27,58/saco para fevereiro; R\$ 27,74 para março; R\$ 27,49 para abril; R\$ 27,78 para maio; R\$ 28,21 para junho; R\$ 28,80 para julho; R\$ 29,15 para agosto e R\$ 29,43/saco para setembro.

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do milho no período entre 17/01 a 13/02/2014.



MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago subiram durante a semana, fechando o dia 13/02 em US\$ 5,95/bushel.

O relatório de oferta e demanda do USDA pouco trouxe de novidades, particularmente pelo lado dos EUA. Efetivamente a produção local foi mantida em 58 milhões de toneladas, com estoques finais em 2013/14 num total de 15,2 milhões de toneladas. Nos dois casos abaixo do registrado um ano antes. A produtividade média estadunidense ficou em 3.173 quilos/hectare e os preços médios aos produtores locais devem girar entre US\$ 6,65 e US\$ 6,95/bushel neste ano comercial, após a média de US\$ 7,77 no ano anterior. O patamar de preços indicado é bem superior ao que o mercado vem praticando no momento.

Em termos mundiais, o relatório confirmou um volume produzido de 712 milhões de toneladas, com estoques finais de 183,7 milhões. Apesar do pequeno recuo em relação aos números de janeiro, o fato é que a produção e os estoques deste ano ficam bem acima do registrado em 2012/13 quando foram respectivamente de 656,3 milhões e 175,8 milhões de toneladas. A produção brasileira está indicada em 5,3 milhões de toneladas (na prática a produção nacional teria ficado entre 4,9 e 5,1 milhões de toneladas segundo o setor privado, enquanto a Conab está indicando 5,8 milhões de toneladas). A produção da Argentina ainda está apontada em 10,5 milhões de toneladas quando o setor produtivo do vizinho país destaca uma safra de 8,6 milhões de toneladas.

Dito isso, as vendas líquidas estadunidenses de trigo, na semana encerrada em 30/01, atingiram a 638.793 toneladas no atual ano comercial iniciado em 1º de junho. Esse volume é 62% superior à média das últimas quatro semanas e 120% superior ao mesmo período do ano anterior. O principal comprador foi a Guatemala com 138.000 toneladas. O Brasil comprou 82.500 toneladas. No acumulado do ano comercial o volume chega a 20,8 milhões de toneladas, representando uma elevação de 31% sobre o mesmo período do ano anterior.

Já no Mercosul, os preços pouco evoluíram na semana. O Up River argentino ficou em US\$ 330,00/tonelada na venda, enquanto em Necochea o valor foi de US\$ 325,00. Em Baia Blanca, para fevereiro e março, o preço igualmente atingiu a US\$ 330,00/tonelada. Com base no valor de saída deste último porto, o cereal argentino chegaria aos moinhos paulistas ao redor de R\$ 959,00/tonelada ao câmbio atual. Para chegar a este mesmo patamar, o produto do Paraná e do Rio Grande do Sul, no interior dos respectivos Estados, teria que ser negociado a R\$ 852,00 e R\$ 754,00/tonelada. Já o trigo brasileiro para exportação, embarque em fevereiro e março, ficou em US\$ 270,00/tonelada. Com isso, o trigo gaúcho teria que sair das regiões produtoras a somente R\$ 560,00/tonelada ou R\$ 33,60/saco, fato que explica os preços pagos ao produtor, na média de R\$ 32,00/saco nesta semana. Aliás, tal preço está trazendo enorme descontentamento junto ao setor produtivo, com exigência de explicações já que a tecnologia usada teria sido para a produção de trigo tipo pão enquanto a Conab informa que pouco mais de 50% do produto colhido encontra-se nesta situação. (cf. Safras & Mercado)

Por outro lado, o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio apontou que o Brasil exportou, até o momento, 27.450 toneladas, sendo 21.250 originárias do Rio Grande do Sul.

Ainda no capítulo da paridade, em se tomando como referência o trigo duro de Kansas, seu valor estando em US\$ 303,00/tonelada no Golfo do México, ao câmbio atual, o produto chega aos moinhos do Sudeste brasileiro em torno de R\$ 1.009,00/tonelada. Para chegar ao mesmo preço, o trigo paranaense e gaúcho teria que sair das regiões produtoras em torno de R\$ 901,00 e R\$ 800,00/tonelada FOB, respectivamente. (cf. Safras & Mercado)

Em termos de mercado interno brasileiro, a semana encerrou com os lotes no mercado gaúcho valendo R\$ 560,00 e R\$ 570,00/tonelada, enquanto no Paraná os mesmos estiveram entre R\$ 760,00 e R\$ 790,00/tonelada. O excesso de oferta e a dificuldade em escoar a produção estocada continuam pressionando para baixo os preços do trigo no Rio Grande do Sul. Como houve forte queda na produção paranaense e a qualidade do trigo gaúcho não estaria adequada para o tipo pão em cerca de metade da produção obtida (assunto polêmico), a diferença de preço entre o Paraná e o Rio Grande do Sul alcança um patamar histórico neste início de 2014. Para complicar o quadro, continua entrando trigo importado, agora também o da nova safra argentina o qual vem sem a TEC do Mercosul.

Para complicar ainda mais o cenário, com a entrada da safra de verão, mesmo que em menor volume devido à quebra climática, será necessário vender rapidamente o trigo para dar espaço de armazenagem para a soja no Estado gaúcho. Além disso, logo

haverá o problema logístico da falta de caminhões para o transporte concomitante dos dois produtos, sem falar no milho.

Assim, nas próximas semanas ainda não se espera uma recuperação nos preços do trigo gaúcho, contrariando previsões iniciais que tínhamos. Infelizmente, talvez tal recuperação nem mesmo ocorra, dependendo do comportamento climático e dos preços internacionais do cereal. Isso tende a comprometer o futuro plantio.

Enfim, as importações de trigo pelo Brasil, no ano 2013/14, e isso até o dia 09 de fevereiro, somam 3,74 milhões de toneladas, sendo 2,8 milhões dos EUA, 446.000 do Uruguai, 307.000 do Canadá, 123.000 do Paraguai e apenas 65.000 da Argentina. No mesmo período do ano passado, o volume importado era de 3,5 milhões de toneladas, com a Argentina vendendo 2,63 milhões deste total. Ou seja, neste ano os EUA estão compensando a ausência da Argentina. Por outro lado, não se pode ignorar a presença do Uruguai no mercado brasileiro, já que o vizinho do sul tem um saldo exportável de 1,2 milhão de toneladas neste ano 2013/14 e suas vendas igualmente estão isentas do imposto de importação devido o país ser membro do Mercosul igualmente.

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do trigo no período entre 17/01 a 13/02/2014.

